

exaltação; saíram dos prelos, em 1832, 35 periódicos, dos quais 14 sustentavam o Governo e 21 faziam-lhe guerra aberta, sem medidas, nem tréguas; foi em 1832 que feriram, em 5 de novembro, com um tiro de pistola, a Evaristo Ferreira da Veiga, o redator da *Aurora Fluminense*”(88).

Calógeras mencionou que “a orientação geral era oposicionista, indo até o limite da federação e da república”(89). Referia-se à imprensa do tempo que, segundo J. C. Fernandes Pinheiro, era constituída de “miríades de jornais. . . escritos pela maior parte em estilo desabrido e empregando a sátira burlesca, e muitas vezes desonesta”, mas cuja “virulenta linguagem” era “própria da época”(90). Vieira Fazenda relata que “os jornais daquele tempo foram a válvula, de onde partiram ofensas e calúnias contra os governantes. A linguagem cáustica e desabrida de alguns artigos ainda hoje provoca verdadeiras náuseas”(91). Em outro de seus trabalhos, salienta “a linguagem cáustica, ferina, desabrida e imoral das folhas de oposição. Nunca a imprensa, entre nós, desceu tão baixo, não poupando a vida íntima dos moderados, governantes ou não, e até invadindo o lar da família de uns e outros”(92).

Se a análise de Moreira de Azevedo é superficial, a de Vieira Fazenda é facciosa, pois não era virulenta apenas a imprensa da oposição. Evaristo da Veiga, apesar de participante e algumas vezes vítima, no caso, situou melhor o papel e as características dos foliculários que serviam ao governo e à facção conservadora: “Tiradas poucas exceções, o jornalismo caramuruano do Rio de Janeiro, cuja variedade de título pode de longe fazer algum ruído, divide-se em jornais ‘Queiroz’ e em jornais ‘Davi’; são os srs. João Batista de Queiroz, ex-redator da *Matraca* e do *Jurujuba dos Farroupilhas*, e Davi da Fonseca Pinto, ex-redator do *Poraquê* e do *Verdadeiro Patriota*, os quais inundam a cidade com periódicos, que de ordinário não passam do quarto número. Estes dois paladinos da retrogradação, ambos empregados por D. Pedro I e detidos da revolução, ambos igualmente notáveis pela imoralidade de sua conduta, pelas ações vergonhosas com que se têm feito conhecidos na sociedade, são, contudo, distintos um do outro como escritores, por qualidades que denunciam à primeira vista as suas produções e que os diferenciam: *A Lima Surda*, o *Pai José*, *A Babosa*,

(88) Moreira de Azevedo: “Motim político de 17 de abril de 1832”, in *Revista do I. H. G. B.*, tomo 38, parte 2ª, vol. 51, pág. 129, Rio, 1875.

(89) J. Pandiá Calógeras: *Formação Histórica do Brasil*, Rio, 1930, pág. 170.

(90) J. C. Fernandes Pinheiro: in *Revista Popular*, Rio, 1859.

(91) José Vieira Fazenda: “Aspectos do período regencial”, in *Revista do I. H. G. B.*, tomo 77, parte 2ª, vol. 129, pág. 56, Rio, 1914.

(92) Idem: “Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro”, in *Revista do I. H. G. B.*, tomo 88, vol. 142, págs. 332/333, Rio, 1920.